
A doutrina de Platão sobre a verdade
Plato's doctrine of truth**Affonso Henrique Vieira da Costa**
Doutorando em Filosofia pelo PPGF-UFRJ

Resumo: A questão relativa à verdade é central na obra do filósofo alemão Martin Heidegger. Ir ao seu encontro significa abrir-se para a compreensão do sentido de ser. Por isso, acreditamos que é de grande relevância uma investigação dos passos dados por ele no seu texto *A teoria platônica da verdade*, de modo a possibilitar uma interpretação de como a tradição se apropriou disso que é a verdade e o que, nessa apropriação, estava destinado ao pensamento ocidental.

Palavras-chave: verdade; ser; idéia; interpretação; pensamento.

Abstract: The question relating to the truth is central in the work of the German philosopher Martin Heidegger. To go to its meeting means to open oneself to the understanding of the sense of being. For this reason, we do believe that is of great importance an investigation concerning the steps given by the author in his text *The platonic theory of the truth*, in a way to possibilite an interpretation of how the tradition took possession of this which is the truth and what in this appropriation was intended for the development of the Western thought.

Key words: truth; being; idea; interpretation; thought.

O primeiro passo de uma caminhada, para todo aquele que queira um dia ir ao encontro do que é a essência da verdade, talvez passe pela compreensão disso que Heidegger nomeia como uma tendência em direção ao pensamento reto (*orthotēs*), que toma sua orientação de acordo com a “idéia de bem” (*idéa tou agathou*), de Platão. Para tanto, Heidegger faz vir à tona novamente a alegoria da caverna, presente no livro VII da *Politéia*¹.

Aí, em que pese a situação dos homens no interior da caverna, onde tomam por realidade as sombras que para eles aparecem, ou ainda a sua ascensão em direção à contemplação das idéias do lado de fora da caverna com a visualização da idéia das idéias, do sol que a tudo ilumina, o que vai interessar, segundo Heidegger, são os processos, “as transições da caverna para a luz do dia e, desta, de volta para a caverna”². Tais processos vão colocar em evidência o como as coisas aparecem no interior da caverna, além dos degraus que são percorridos em direção às idéias, de tal modo que

¹ PLATÃO, *República*, 514a – 517a.

² HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 227.

se encaminhe de um menos desvelado para um mais desvelado, em direção ao propriamente ente do ente.

Entretanto, em tais transições, tanto no que diz respeito à passagem de dentro para fora da caverna, como aquela que retorna, isto é, de fora para dentro, observamos que o homem precisa se adaptar, não só em relação a um enxergar a luminosidade das idéias quando da saída da caverna, como a um poder ver a realidade das coisas no seu interior, quando de seu retorno. Em ambos os casos, diz-nos Heidegger, trata-se de, com paciência, educar a alma, formá-la de tal modo que ela possa ir inteiramente ao encontro do que busca. Isso só se torna possível se há uma transformação da essência do homem no interior mesmo desse processo. Acerca disso, Heidegger escreve: “Esta mudança de hábito e este movimento de se reacostumar da essência do homem com o âmbito que lhe é indicado a cada vez é a essência do que Platão chama de *paidéia*”.³

O que está aí em jogo é a “transformação do homem em sua essência”⁴, a transição da *apaiideusía* para a *paidéia*. Para ir ao encontro do significado da palavra *paidéia*, Heidegger chega a traduzi-la para o alemão *Bildung*, formação. *Bilden*, neste sentido, é formar, cunhar desde uma visão prévia normatizadora chamada de paradigma. Daí que *Bildung* indica uma cunhagem por meio de uma imagem⁵.

Com isso, temos que a *paidéia* aparece, num primeiro momento, como o que há de mais essencial a ser aprendido pela alegoria em questão. Porém, para além disso, Heidegger vai ouvir um algo a mais. Nessa dinâmica de formação, onde o homem se transforma no processo de saída da caverna e de retorno a ela, o filósofo vai auscultar uma mudança na essência da verdade de acordo com a qual Platão passa a contar. É importante que aí tenhamos presente o fato de que o que está em jogo é o modo como o ser passa a se desvelar ao homem e também o modo como até então ele se desvelava. Está em jogo, portanto, uma compreensão mais originária da *alétheia* ao lado das conseqüências daquilo que se abre para o pensamento ocidental como uma tendência, já em Platão, à fixação no que foi desvelado. É por isso que Heidegger vai afirmar que “a interpretação da alegoria que se está tentando fazer agora deve encaminhar para a doutrina

³ HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 228.

⁴ HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 228.

⁵ HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 229.

platônica da verdade”⁶, de maneira que se deve tentar buscar na alegoria uma relação essencial entre *paidéia* (formação) e *alétheia* (verdade). Sobre isso, escreve Heidegger: “De fato, existe essa relação. E ela consiste no fato de que é somente a essência da verdade e o modo de sua mutação que possibilita a ‘formação’ em sua estruturação fundamental”⁷.

Deste modo, ao lermos mais uma vez a alegoria, percebemos que ela narra transições que se dão entre uma e outra morada. Trata-se, de acordo com isso, de quatro moradas que se apresentam em gradações ascendentes e descendentes, cujas diferenças se manifestam a partir da diversidade do *alēthés* (desvelado), onde ocorre um modo do imperar da ‘verdade’. De acordo com isso é que se faz necessário pensar o *alēthés* (desvelado) nas respectivas moradas ou níveis que a alegoria nos apresenta.

Qual é, então, o primeiro nível? É aquele em que os homens se encontram agrilhoados no interior da caverna e tomando as coisas assim como elas aparecem. Neste nível, os homens não consideram o desvelado (*alēthés*), a não ser como sombras de tudo aquilo que por trás deles passa.

E o segundo nível? Neste, um dos prisioneiros, após a soltura dos grilhões, encontra-se livre, embora ainda dentro da caverna. Por conta disso, ele pode voltar-se para o lume de fogo a partir do qual as sombras se mostram como o que são e, por isso, como nos diz Platão, o prisioneiro chegaria “tanto mais perto do ente”⁸. Entretanto, mesmo que ele se aproximasse do lume e, graças a isso, do mais desvelado (*alēthēstera*), ele consideraria as sombras que antes via como o mais desvelado, pois estaria envolvido por uma cegueira causada pela claridade excessiva devido ao não estar acostumado com ela. Deste modo, Heidegger nos diz que “aquele que foi cegado também não consegue apreender o fato de que aquilo que via anteriormente era apenas um sombreamento das coisas precisamente pelo lume de fogo”⁹. Embora liberto dos grilhões, o homem não encontra a sua liberdade, pois não consegue ainda avaliá-la desde aquilo que faz da sombra o que ela é.

No entanto, é no terceiro nível que a liberdade de fato é alcançada, pois aquele que foi liberto dos grilhões é posto num espaço livre, fora da caverna, onde tudo se encontra à luz do dia – não mais iluminado por um

⁶ HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 230.

⁷ *A teoria platônica da verdade*, p. 230.

⁸ *A teoria platônica da verdade*, p. 231.

⁹ *A teoria platônica da verdade*, p. 232.

lume artificial – e, por isso mesmo, as coisas aparecem em seu aspecto. É de acordo com isso que o filósofo diz que “o desvelado agora é o mais desvelado: *tà alēthéstata*”¹⁰. E continua:

Sem um tal mostrar-se do o-que-é (isto é, das idéias), isto e aquilo e tudo que é deste gênero e, com isto, absolutamente tudo permaneceria velado. O que há de mais desvelado recebe esta denominação, porque aparece de antemão em tudo o que aparece, tornando acessível isto que aparece (HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 233.).

Deste modo, ao compararmos o segundo nível com o terceiro nível, veremos que, se havia grande dificuldade para que o homem liberto dos grilhões pudesse ir ao encontro do lume de fogo que o possibilitaria, com essa atitude, ver os limites das sombras no interior da caverna, agora, estando o homem no espaço aberto do exterior da caverna, precisa ele de demandar esforços e perseverar naquilo que, desde o seu aspecto, se mostra como o mais desvelado: “as coisas que se mantêm firmes em seu aparecer”¹¹. Esse esforço é ele mesmo conquistado a partir de uma formação, *paidéia*. Esta, por sua vez, de acordo com o que é dito, só se cumpre diante do mais desvelado (*alēthéstaton*). Com isso, temos presente aquilo que anteriormente Heidegger determinou como a relação existente na alegoria entre a formação (*paidéia*) e a essência da verdade (*alētheia*). Essa relação se faz presente de maneira não menos evidente no quarto nível, que é aquele no interior do qual o homem liberto retorna para o interior da caverna com a intenção de conduzir os outros homens para cima, para o mais desvelado.

A tarefa desse homem liberto não é fácil, pois ele se encontra no risco de perder-se no interior da caverna pelo simples motivo de ser atraído, puxado pela verdade que aí vige e serve de medida para todos. Outro risco corre ainda ele, que é aquele relacionado à revolta dos que acreditam que o que serve de medida no interior da caverna é o que aparece para eles como o mais desvelado, de modo que o homem liberto “está ameaçado pela possibilidade de ser morto”¹².

Aí, como podemos ver e como Heidegger quer nos indicar, é travada uma luta. No entanto, mais radical do que uma simples luta política,

¹⁰ *A teoria platônica da verdade*, p. 233.

¹¹ *A teoria platônica da verdade*, p. 234.

¹² *A teoria platônica da verdade*, p. 234.

pelo menos nos moldes como nós a compreendemos hoje, é a luta que é o deixar-se envolver pela tensão entre o velar-se e o desvelar-se, buscando sempre a medida através da qual isso que é o essencial vai se revelando e sendo apreendido na proporção em que o homem liberto vai ascensionando em direção à *idéia*, pois é somente a partir daí que as coisas podem ser vistas em seu aspecto, somente a partir da *idéa* que resplandece por si mesma¹³. Acerca disso, Heidegger escreve: “... ele (o desvelamento) só é levado em consideração para mostrar como torna acessível aquilo que se mostra em seu aspecto (*eidos*) e como torna visível isto que se mostra (*idéa*)”¹⁴. E continua: “A ‘idéia’ é o aspecto que empresta visibilidade àquilo que se apresenta. A *idéa* é o puro brilhar no sentido da expressão ‘o sol brilha’. A *idéa* não deixa ‘brilhar’ ainda outra coisa (por trás de si), ela própria é o que resplandece, a única coisa que reside no resplandecer de si mesma. A *idéa* é o resplandecente” (HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 237.).

A *idéa* é, portanto, o sumamente desvelado e precisa ser arrancada de “um encobrimento fundo e obstinado”¹⁵. Para isso, porém, é preciso compreender, de acordo com Heidegger, que o alfa privativo presente na palavra *a-létheia* (des-velamento) indica aquilo que é arrancado de todo velamento, de maneira que a “verdade é a conquista pela luta, a cada vez sob a forma do desencobrimento”¹⁶.

Entretanto, embora a plasticidade do mito da caverna seja devida à verdade compreendida como desvelamento, Heidegger vê no escrito platônico, conforme mencionamos anteriormente, a imposição de outra essência da verdade¹⁷. Como isso é possível?

É preciso que primeiramente pensemos na apreensão da *idéia*, de seu aspecto pela visão e que, a partir daí, meditemos em torno daquilo que reúne a visão e o que por ela é visto. Para a visão poder ver o que vê, necessário é que ela, de alguma maneira, já seja conforme à *idéia*, ao sol, ou seja, que pertença a ele, pois entregando-se ao luzir, o próprio olho que vê brilha no acolher e perceber daquilo que apresenta. Essa tensão existente entre o ver e o visto é mantida pela “*idéia do bem*”. Enquanto *idéa*, diz-nos Heidegger, “o bem é algo que aparece; enquanto tal, ele é algo que doa

¹³ Não trataremos aqui especificamente acerca disso que é “a *idéa* que resplandece por si mesma”. Para isso um novo estudo será ainda necessário.

¹⁴ *A teoria platônica da verdade*, p. 237.

¹⁵ *A teoria platônica da verdade*, p. 235.

¹⁶ *A teoria platônica da verdade*, p. 235.

¹⁷ *A teoria platônica da verdade*, p. 236.

visão; e enquanto esse elemento doador mesmo, ele é algo visível e, por isto, cognoscível”¹⁸.

Isso que é a idéia do bem, do *agathou*, no âmbito do que pode ser conhecido, é “o que leva à consumação todo luzir”¹⁹ e, por isso mesmo, só é possível de ser vista com grande dificuldade, com o exercício lento e insistente daquele que almeja o mais ente do ente.

Tò agathou, o bem, embora tenha sido apreendido pela tradição como o “bem moral” ou como “valor”, significa aquilo que é prestável para alguma coisa, isto é, o que “proporciona a visão daquilo que um ente a cada vez é”²⁰. O que aparece, aparece a partir das idéias e, por elas, passa a vigorar em sua consistência. A idéia das idéias, o que faz com que as idéias prestem para alguma coisa, é o que torna possível o aparecer do ente em sua visibilidade, em seu aspecto. Ela está presente em todo aparecer e é por isso que, de acordo com o filósofo, Platão afirma que o *agathou* é “o que mais aparece (o mais resplandecente) do ente”²¹.

Neste sentido, a partir da compreensão de que a “idéia do bem” é a origem de tudo o que é, a causa de todas as coisas, é que se vê a importância da *paidéia* como o que deve, em libertando, conduzir os homens para o olhar essencial que se dirige à *idéa*. É nesse ponto que Heidegger nos surpreende ao afirmar que o mito da caverna não trata propriamente da *alétheia*, embora nele esteja contida a doutrina platônica da verdade.

Mas, como isso? Porque, segundo ele, há uma determinação da *idéa* sobre a *alétheia*, pois, de acordo com Platão, é a *idéa* que garante o desvelamento do que se mostra, o que garante também a percepção do desvelado. A *alétheia* “põe-se sob o jugo da *idéa*”²².

Em torno disso, escreve Heidegger: “Na medida em que afirmar que a *idéa* é a senhora que permite desvelamento, Platão está fazendo remissão a algo não dito, a saber, que daí em diante a essência da verdade não se desenvolve propriamente como essência do desvelamento a partir da plenitude essencial própria, mas se desloca para a essência da *idéa*. A essência da verdade abandona o traço fundamental do desvelamento” (HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 242.).

¹⁸ *A teoria platônica da verdade*, p. 238.

¹⁹ *A teoria platônica da verdade*, p. 238.

²⁰ *A teoria platônica da verdade*, p. 239.

²¹ *A teoria platônica da verdade*, p. 240.

²² *A teoria platônica da verdade*, p. 242.

Tal atitude, que podemos até mesmo caracterizar como uma tendência, determinará todo pensamento posterior na medida em que a verdade como desvelamento ficará impensada em favor de um pensamento orientado pela necessidade de visualização da *idéa* como o que garante o desvelamento do ente, isto é, em favor de um pensamento que vai ao encontro de um olhar que corresponda à *idéa*, de um olhar reto.

Mas, o que isso quer dizer? Quando o homem liberto volta-se em direção às próprias coisas e ao lume de fogo, o que se põe em questão é aquilo que aparece sendo mais ente. O seu caminho ascendente procura pelo que é mais ente do que as sombras no interior da caverna. Este caminho recebe sua orientação a partir de um olhar reto que guia o liberto em direção à idéia suprema, à idéia das idéias. É por isso que Heidegger vai dizer que “tudo depende da *orthótēs*, da retidão do olhar”²³.

É exatamente essa tendência que se dirige ao mais desvelado e que por ele se deixa determinar que vai, aos poucos, se esquecendo do desvelar-se, isto é, da *alétheia* e de sua experiência originária, o que promoverá um comportamento do homem frente ao ente, que se traduz num dirigir o seu olhar para o que é o mais desvelado. Daí o porquê de Heidegger falar de uma “primazia da *idéa* do *ideîn* frente à *alétheia*, o que gera “uma transformação da essência da verdade”²⁴.

Em que consiste essa transformação? Ela faz aparecer o que em grego se denominou de *homoíōsis*, uma concordância do conhecimento com a coisa. Tudo se dirigirá para esse lugar. O lugar da verdade, aos poucos, passará a ser o enunciado.

É por conta de uma ambigüidade que se apresenta no pensamento de Platão, ambigüidade entre a *alétheia* e o que se coloca como padrão em tudo o que precisa ser medido, instaurando a necessidade do pensamento reto, da retidão do pensar, da *orthótēs*, que falamos anteriormente de uma tendência. Tendência que se abre nessa mesma ambigüidade e que se aprofunda no desenrolar de toda a História da Filosofia. Essa atitude Heidegger também a vê em Aristóteles. Embora para este o “traço fundamental do ente que tudo domina seja o desvelamento”, Aristóteles pode dizer que “o falso e o verdadeiro não estão propriamente nas coisas (elas mesmas)... mas na sua compreensão”²⁵. Tal tendência, portanto, vai

²³ *A teoria platônica da verdade*, p. 242.

²⁴ HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 242.

²⁵ HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 244.

tomando corpo no interior do esquecimento gradativo da verdade como *alétheia*. A verdade passará a ser compreendida como o que é reto em contraposição ao falso, ao não reto. O enunciado será considerado verdadeiro enquanto *homoíōsis*, isto é, enquanto adequar-se às coisas.

Essa transformação na essência da verdade, auscultada por Heidegger no desdobrar-se da *paidéia* platônica, faz com que ele pense em uma transmutação no sentido originário de *ousía*, da presença do que se apresenta, em presença constante ou simples presença, isto é, no ser apreendido como ente, onde o seu sentido já se retraiu e nesse retraimento permaneceu impensado. É para pensar no retraimento do sentido que Heidegger traz à tona a palavra *alétheia*, desvelamento, com toda a sua possibilidade de ser pensada, e isso a partir da tentativa de compreensão do ser do ente em Platão, da *idéa tou agathou*.

O que se abre, a partir daí, para Heidegger? O pensamento inicial da filosofia desde a necessidade de um conhecimento acerca do ente (*sophía*) que se dispõe em uma determinada formação (*paidéia*). “Essa *sophía* é em si uma predileção e uma amizade (*phília*) pelas ‘idéias’, que garantem o desvelado”²⁶. Essa procura pelo mais ente – o mais desvelado – vai passar a ser denominada pela tradição de Metafísica, pois em Platão o pensar precisa lançar-se para além das sombras e cópias em direção às idéias, ao que está acima da caverna.

No entanto, Platão ainda se dirige àquilo que torna as idéias o que elas mesmas são, dando consistência e fazendo aparecer, como causa, todo ente. Essa idéia, que é chamada de “idéia do bem”, é o divino, *tò theíon*, tanto para Platão como para Aristóteles²⁷. É por isso que, desde o seu início, a filosofia, além de Metafísica, no seu pensar sobre o ser do ente torna-se Teologia. Acerca disso, diz-nos ainda Heidegger: “Teologia significa aqui interpretar a ‘causa’ do ente como Deus e deslocar o ser para essa causa, que contém em si e dispensa a partir de si o ser, uma vez que é o que há de maximamente ente do ente”²⁸.

Após a interpretação heideggeriana da chamada “doutrina platônica das idéias”, com o aparecimento, conforme mencionado um pouco acima, da *homoíōsis*, da concordância do conhecimento com a coisa, isso que é o

²⁶ HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 246.

²⁷ HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 247.

²⁸ HEIDEGGER, *A teoria platônica da verdade*, p. 247.

enunciado, o juízo, a proposição, mostra-se como o que foi apropriado pela tradição como sendo o lugar da verdade. Deste modo, seguindo os passos de Heidegger, precisamos ainda pensar no enunciado e na sua estrutura gramatical configurada por essa mesma tradição de modo a compreender o que propriamente emerge daí como a essência da verdade.

Referências bibliográficas

HEIDEGGER, Martin. *A teoria platônica da verdade*. In *Marcas do caminho*. Trad. de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Sobre a essência da verdade*. In *Pensadores*. Trad. de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

PLATÃO. *A República*. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

_____. *Ouvres completes*. Trad. de Émile Chambry. Paris: Classiques Garnier, 1959.